



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA SONALE GOMES DE OLIVEIRA

Novas Linguagens no Ensino da História: música e currículo multiculturalista

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ANA SONALE GOMES DE OLIVEIRA

Novas Linguagens no Ensino da História: música e currículo multiculturalista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em **Licenciatura plena em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48n Oliveira, Ana Sonale Gomes de.
Novas linguagens no ensino da história [manuscrito] : música e currículo multiculturalista / Ana Sonale Gomes de Oliveira. - 2015.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Me. Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, Departamento de História".

1. Ensino de historia. 2. Multiculturalismo. 3. Música. I.
Título.

21. ed. CDD 372.89

ANA SONALE GOMES DE OLIVEIRA

Novas Linguagens no Ensino da História: música e currículo multiculturalista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 16/06/2015.

Cleófas Lima Alves de F. Júnior

Prof. Ms. Cleófas Lima Alves de F. Júnior

Orientador

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Examinadora Interna

Rozeane Albuquerque Lima

Prof.^a Ms. Rozeane Albuquerque Lima

Examinadora Interna

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino e aos meus pais Dario e Elita que são minha fortaleza e que são exemplos na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Cleófas, por tamanha paciência e ajuda para que a mim fosse possível concluir este trabalho.

Aos meus familiares, em especial ao meu irmão/primo Audo obrigado pelo apoio durante esses quase cinco anos de graduação.

A meu primo Fábio (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força, que foi de fundamental importância durante os três dias do vestibular.

Aos amigos que sempre buscaram saber como estava sendo trilhada a minha caminhada acadêmica. Obrigado por toda atenção e preocupação. Agradeço também à minha amiga psicóloga, Daniella, pelo apoio e incentivo para estar aqui hoje.

Aos meus queridos professores e mestres, tanto do ensino básico como do Departamento de História da UEPB.

Aos funcionários deste Departamento, bem como das copiadoras.

Por fim, aos colegas da turma de História 2010.1. Passamos por muita coisa juntos, muitos ficaram pelo caminho, mas aos concluintes dessa turma o meu obrigada pelo companheirismo e amizade durante esses anos, em especial a Maria Isabel, Lenice Souza, Lankaster Almeida, Daura Amália, Márcia Cristina, que os quais estiveram em vários momentos da minha vida e que se tornou uma linda amizade, amo cada um de vocês.

Novas Linguagens no Ensino da História: música e currículo multiculturalista

Ana Sonale Gomes De Oliveira¹

Resumo

O artigo tem o objetivo de analisar as novas linguagens no ensino da história especificamente a música com base no novo currículo multiculturalista, a partir do pressuposto de que seu uso em sala de aula promove uma melhor aprendizagem do aluno. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica sobre as novas tecnologias, o currículo multiculturalista e a música no ensino da história. Na primeira parte apresento um breve histórico sobre o currículo multiculturalista, na segunda parte faço uma discussão em torno das novas tecnologias do ensino e finalizo ao tratar importância da música como linguagem de ensino.

Palavras-chaves: Ensino de História, multiculturalismo, música.

¹ Aluna do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: Sonale_gomes@hotmail.com

1. Introdução

Segundo a historiografia tradicional o ensino da história no Brasil era caracterizado pela transmissão do conhecimento do professor ao aluno, prática esta descrita por Paulo Freire como “educação bancária”, na qual o aluno era apenas o receptor e o professor o transmissor absoluto de conhecimento. Neste caso os professores se prendiam aos livros didáticos, tendo-os como verdades absolutas sobre os fatos históricos ocorridos. A escola metódica ou positivista fazia com que a educação escolar, sobretudo as aulas de história, transmitisse os feitos dos “grandes heróis nacionais” através de métodos mnemônicos: os alunos decorarem nomes, datas e festas cívicas que faziam parte do cotidiano escolar.

Para a escola metódica do século XIX as fontes históricas analisadas e levadas em consideração eram apenas documentos escritos que tivessem um caráter oficial. O ensino era voltado para os membros da elite brasileira branca. Neste caso, os menos favorecidos economicamente, a mulheres e os negros eram desprovidos e desfavorecidos educacionalmente. Sua participação nos livros didáticos era nula e com isso não se reconheciam como sujeitos históricos e culturais dentro de uma sociedade elitizada.

Seguindo as transformações historiográficas a escola também passou por mudanças significativas, uma nova instituição com a função de formar cidadãos e o professor ainda utilizava os métodos tradicionais, ou seja, os métodos técnicos.

A partir da década de 1980 buscou-se a renovação do currículo adequado às transformações sociais e com reflexões sobre ensino e aprendizagem. Os professores participaram de um debate e houve um consenso sobre a importância social dos conteúdos difundidos nas escolas. Entretanto, surgiram divergências sobre quais os conteúdos que iriam ser modificados no processo de reformulação do currículo. O pensamento de Bittencourt (2009, p. 104) sobre tais mudanças curriculares, aponta que:

No Brasil, na década de 80, o debate sobre os conteúdos escolares havia dividido os educadores, preocupados com reformulações curriculares capazes de integrar os alunos das camadas populares. Havia consenso sobre a relevância social dos conteúdos veiculados nas escolas, mas havia divergências sobre quais conteúdos deveriam ser alterados ou mantidos no processo de reformulação curricular.

Esse debate trouxe um avanço no que diz respeito à escolha de critérios de seleção de conteúdos. Neste caso os currículos mais recentes trazem uma interligação entre os diversos conhecimentos adquiridos nas escolas. Nas aulas de história, por exemplo, os alunos passaram a serem estimulados a não somente dominar conceitos e informações, mas também a fazer comparações com diversas épocas utilizando tabelas, gráficos, mapas e interpretação de textos. Desta maneira a escola passou a ser uma instituição em que se aprendem conteúdos sociais e culturais ligados a valores e comportamentos.

O presente trabalho tem o objetivo de debater a nova linguagem do ensino de história na perspectiva do currículo multiculturalista e a importância da música como construção de conhecimento no âmbito escolar. Assim, está estruturado em três partes: a primeira será o currículo multiculturalista, no segundo momento será as novas tecnologias no ensino, e por fim será a música como nova linguagem.

2. Currículo multiculturalista

O currículo multiculturalista é a tendência mais recente oriunda dos países do Norte com a proposta de trazer para o ambiente escolar e para os livros didáticos a história não apenas da elite branca eurocêntrica, mas também as minorias como os negros e as mulheres em suas manifestações culturais que constituem a conjuntura social dos variados grupos sociais e étnicos. O multiculturalismo surgiu a priori para ser a solução de um problema racial e étnico, com o pressuposto de que a cultura não pode ser separada das relações de poderes.

Esse novo currículo multiculturalista tem duas tendências, em que compreendem a diversidade cultural a partir das contribuições da antropologia, em que as culturas são equivalentes como leituras do mundo:

Embora a própria Antropologia não deixasse de criar suas próprias relações de saber-poder, ela contribuiu para tornar aceitável a ideia de que não se pode estabelecer uma hierarquia entre as culturas humanas, de que todas as culturas são epistemologicamente e antropologicamente equivalentes (Silva, 2002).

A primeira é a tendência liberal ou humanista que visa uma humanidade comum, de maneira que haja um respeito, tolerância e convivência harmoniosa entre as diversas culturas, pois independente dessa diferença existe uma mesma humanidade.

A segunda tendência é a pós-estruturalista e materialista. A pós-estruturalista afirma que a diferença é concebida não de maneira natural, mas sim por um caráter discursivo e linguístico. Para o pós-estruturalista a diferença é uma construção social de caráter relativo. Nessa ótica a concepção pós-estruturalista vem explicar que na relação social é o discurso que produz o significado da diferença através de uma relação de poder e nesta existe uma constante avaliação do “ser diferente” pelo o “não diferente”. *”... se há sinal, um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o ‘não diferente’) e o outro, negativamente (o ‘diferente’), é porque há poder.”* (Silva, 2002).

A visão “materialista”, por sua vez, inspira-se no marxismo. Esta afirma que as diferenças são produtos das instituições, econômicas e estruturais que seriam a base dos processos de discriminações e desigualdades tanto sociais quanto culturais. Para essa concepção o problema do racismo, não pode ser apenas visto pelo prisma do discurso, mas principalmente pelos processos institucionais, econômicos. E o pós – estruturalismo materialista não concebe a ideia que o racismo pode ser eliminado apenas pelas expressões linguísticas, mas através do combate as desigualdades sociais e econômicas.

O multiculturalismo busca desconstruir as perspectivas tradicionais de herança cultural, família e a nacionalidade dos grupos que até então dominam o poder. É necessário que esse currículo seja trabalhado nas escolas de maneira ativa através de uma reflexão crítica dessas tradições. Um currículo que representa uma luta política que rompe com as leituras superficiais da diversidade cultural, que legitimam a ideia da homogeneidade cultural, considerada única, legítima e absoluta.

Portanto, considero muito pertinente as reflexões apresentadas por Cainelli e Schmidt (2009, p.17-19) sobre as três fases principais do ensino da história no Brasil, pois estão relacionadas com as mudanças propostas pelo currículo multiculturalista:

a) A fase do ensino tradicional.

Preocupada com os estudos dos fatos, neutralidade do historiador da explicação histórica. Uma ênfase na história dos fatos políticos e na história como produto da ação de indivíduos, de heróis. O objetivo é formar o cidadão para a pátria e construir identidades nacionais. Em busca da compreensão da nação brasileira como fruto da integração entre três raças: branca, índia e negra.

O professor é um transmissor do saber histórico verdadeiro, pronto e acabado. O aluno é um receptor passivo do saber histórico transmitido pelo professor. Sendo uma história narrativa e descritiva com base nas visões oficiais da história, com uma periodização política e fontes escritas.

b) A fase do ensino de estudos sociais.

Interdisciplinaridade das ciências sociais, com o predomínio do estudo das sociedades no transcorrer do tempo. Com a história do tempo presente, evitando o estudo do passado pelo passado. Busca formar cidadãos para a sociedade em desenvolvimento, democrática e industrial.

O professor é o facilitador da aprendizagem e o aluno o centro do estudo. Um estudo que valoriza a aprendizagem por meio de atividades, com currículos organizados em “círculos concêntricos”: família, escola, bairro, cidade, país e mundo.

c) A fase atual do multiculturalismo.

A História como história de todos os homens e não somente os heróis. Com a inclusão de novas contribuições historiográficas como a história marxista, cultural e social. Busca a análise do processo histórico e da experiência dos sujeitos da história. Incorpora novos temas e objetos como a história das mulheres, a das crianças e a dos movimentos sociais.

Um ensino para construção da cidadania com o desenvolvimento das seguintes funções: raciocínios historicamente corretos; aquisição da capacidade de análise da relação presente-passado; apreensão da pluralidade de memórias e não somente da memória nacional. O professor é o responsável pela intermediação entre o aluno e o percurso para produção do saber histórico. O aluno é o sujeito de seu próprio conhecimento e do saber histórico.

Organiza o currículo com novas alternativas como a história temática e o ensino por conceitos. A valorização do conteúdo, de visões plurais, críticas da História e a incorporação de novas produções de historiadores. Na sala de aula recupera o método da História através da transposição didática: relação entre saber científico e saber ensinado, saber aprendido e prática social; valoriza o uso de documentos históricos; a inserção de novas linguagens e tecnologias como análise de filmes, música e o uso de informática.

3. As novas tecnologias e o ensino

A proposta de renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos parte de que os métodos de ensino deve se articular com as novas tecnologias para que a escola possa se identificar com essas transformações. As mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais são inevitáveis, pois faz com o que o sujeito gere novas habilidades de compreender o mundo.

A utilização de novas linguagens na pesquisa historiográfica emerge por volta da segunda década do século XX a partir da Escola dos Annales. Assim, constata que foi com os Annales que surgiram novas propostas teórico-metodológicas nas abordagens históricas, pois antes disso a noção de documento era bastante restrita. Mesmo com a utilização de novas linguagens e não somente dos documentos oficiais devemos lembrar que nenhum documento é neutro, existindo assim a necessidade de interrogá-los e não vê-los como verdade absoluta. Analisar a música e os textos literários, os quais se apresentam como exemplos de linguagens alternativas, pensados como documentos e objetos culturais que carregam marcas e características de seus tempos; documentos deixados consciente ou inconscientemente pelos autores. Partindo para a discussão dessas fontes enquanto alternativas didáticas, essas linguagens transformam-se em recurso didático na medida em que são chamadas para responder perguntas adequadas aos objetivos da História ensinada. Um desses objetivos é o de promover o desenvolvimento da consciência histórica a partir do processo de transformação de conceitos espontâneos em conceitos científicos.

O uso de linguagens alternativas no Ensino da História tem sido muito utilizado como recurso didático. Dentre dessas novas linguagens a música tem sido destaque, por ser, mas utilizada e porque atraem mais os pesquisadores brasileiros. E será analisado como documento histórico e objeto cultural, focando a necessidade de preocupar com a aprendizagem do aluno partindo da passagem de conceitos espontâneos para conceitos científicos. Acreditando que essa primeira reflexão será uma contribuição para as pesquisas que têm procurado conhecer os saberes dos alunos e as características de sua consciência histórica em situações escolarizadas de ensino/aprendizagem da História.

A inserção da música em sala de aula deve ter uma relação do meio social com a sua capacidade de representação, ou seja, quando o indivíduo se depara com uma determinada música fará uma representação daquilo que estará ligada ao seu contexto social. No entanto

um tipo de música na aula de História que possui significado para o aluno facilitará sua aprendizagem. A necessidade de conhecer o aluno, e suas formas de representação da realidade para efetivamente possibilitar que ele construa seu conhecimento histórico. A música é um importante instrumento para contribuição no desenvolvimento do conhecimento histórico do aluno.

Os programas televisivos aos quais os alunos assistem fazem com que eles estejam inseridos em um mundo de imagens e de informações. Juntamente com a televisão encontram-se os computadores, e outros tantos suportes eletrônicos que concorrem com os livros. Dessa maneira é importante que os professores utilizem em suas aulas esses elementos midiáticos, mas que atentem aos riscos e façam críticas sobre as informações desses suportes de comunicação.

Considero muito pertinente a perspectiva da Educação Histórica para compreender as novas linguagens e o ensino da história conforme explicitado por Schmidt (2009: p.23-25) porque tem o objetivo de entender as relações que alunos e professores estabelecem com o conhecimento histórico, os conceitos e as categorias históricas. Duas tipologias são criadas para estudar os conceitos fundamentais em história: conceitos substantivos e conceitos de segunda ordem. Os “conceitos substantivos” são os conteúdos da História como industrialização, renascimento e revolução. Enquanto os “conceitos de segunda ordem” estão envolvidos em qualquer que seja o conteúdo a ser apreendido. Como continuidade, progresso, desenvolvimento, evolução, época, nos ajudam nas atividades de explicação, interpretação e compreensão.

Portanto, as novas tecnologias e o ensino da história contribuem no processo de “cognição histórica” que consiste na possibilidade do aluno ser capaz de desenvolver raciocínios de forma elaborada, no momento em que são criadas condições de aprendizagens significativas, em relação com as vivências prévias. O pensar histórico se desenvolve ao articular o modo de pensar de cada aluno com aquilo que lhe é significativo com a distinção das questões históricas.

4. Música como nova linguagem

A música é uma dessas novas linguagens que vem sendo empregada como objeto de uso entre os historiadores, ela vem sendo utilizada frequentemente como recurso didático e

que vem tendo uma grande atribuição para a compreensão da produção cultural da nossa sociedade.

Os gêneros mais utilizados como recurso em sala de aula são a música popular, e que vem sendo abordados com as temáticas de política, o social, em fim nas musicas vemos abordagem da sociedade e isso utilizar para trabalhar com os jovens a sua realidade fazendo um elo entre esse meio de comunicação com o ensino da história e fazer-los pensar, refletir assim a sua realidade.

Os professores ajudam os alunos a pensar e refletir sobre a música como produto cultural, situando o aluno no seu contexto social, político e econômico. A música pode estar relacionada tanto a acontecimentos breves como um evento social, quanto às diversas conjunturas de ordem política ou econômica ao longo do tempo. Colocando uma música atual para ser ouvida na sala após o estudo de determinado conteúdo histórico:

Pode - se fazer perguntas aos alunos sobre as formas habituais de ouvir música em casa, em festas, em shows, etc. É um primeiro passo para que eles passem a pensar sobre a música. Após essa primeira reflexão, indagar sobre como seria ouvir a música em uma sociedade moderna técnicas eletrônicas. Com base nas hipóteses dos alunos, o papel do professor é fornecer outros documentos, para que possam responder a questão ou confirmar a sua hipóteses (Bittencourt, 2009, p. 382).

Uma das formas de desenvolver a consciência histórica genética é o trabalho com fontes, tratando-as como evidências. Neste caso, a utilização da música como fonte documental tratada como evidência, favorece a cognição histórica no sentido do desenvolvimento de inferências pelos educandos, quando esses conseguem imaginar como pensavam e viviam as pessoas em outros tempos e lugares.

A Educação Histórica se preocupa em sistematizar conhecimentos a partir das ideias históricas dos alunos, professores e demais envolvidos, para entender como a cognição histórica vem sendo constituída. O aluno é percebido como um sujeito histórico, com ideias sobre determinado assunto, que podem ser modificadas ou não, conforme o desenvolvimento do tema.

Considero muito importante as reflexões apresentadas por Cainelli e Schmidt (2009, p.19) sobre o pensamento de Jörn Rüsen de que a História consiste na apreensão de uma experiência cultural que dispõe objetivos orientativos aos alunos. Em contraposição a História ensinada como algo certo e dado, por não desenvolver a habilidade de dar sentido à história e de orientar com a experiência histórica.

Faz uma crítica ao ensino como algo pronto e acabado, com conteúdos predefinidos, sem levar em conta o contexto e os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, pode resultar em um ensino que não desenvolve uma função importante, que é orientar os problemas da vida prática. Ressalta que aprender história é discutir evidências, levantar hipóteses, dialogar com os sujeitos, os tempos e os espaços históricos. É desenvolver o olhar para o outro em tempos e espaços diversos. Onde a experiência de cada um se alarga com a compreensão das experiências dos outros.

4.1. A música e o ensino da história

As pesquisas dos historiadores sobre a música conforme a tendência multicultural marxista a partir das décadas de 1970 e em 1980 o multiculturalismo pós-estruturalista no Brasil. Temos Hobsbawm que analisou o jazz, destacando o contexto social e cultural no qual esse gênero musical se desenvolveu e conquistou o mundo ocidental. Mas todos os pesquisadores desse tema se baseiam no trabalho do alemão Theodor Adorno, que era considerado pai dos estudos na música popular.

Adorno definia a música popular como *“parte de uma engrenagem da indústria da cultura responsável por produzir sujeitos passivos diante da difusão de uma estética promovida para o crescimento do consumismo alienado”* (Bittencourt, 2009, p.380). Embora, sua pesquisa tenha contribuído para a não comercialização da música, mas estudos posteriores ultrapassaram essa visão e buscou estabelecer novas relações entre o consumidor, o produtor e a música como expressão cultural e artística.

No ensino da história a música é estudada pelo conteúdo e o contexto histórico que nela esta descrita. O professor, sempre que possível quando usar essa metodologia deve fazer um estudo prévio da historia da música e da historia de tal música no Brasil especialmente. Nos livros didáticos encontramos letras de músicas populares como atividades que sugerem uma análise do texto, mas existem outras possibilidades de estudos para esse tipo de linguagem. A música está presente no nosso cotidiano.

Portanto, a música no ensino da história a partir da perspectiva da Educação Histórica contribui para o desenvolvimento da consciência histórica entendida como um “pré-requisito necessário para a orientação em uma situação presente que demanda ação”. Sendo um “modo

específico de orientação” nas situações reais da vida presente, que ajuda na compreensão da realidade passada para o entendimento da realidade presente.

A consciência histórica dá a vida uma “concepção do curso do tempo”, sendo o passado uma experiência que revela mudanças temporais que as nossas vidas estão ligadas e as experiências futuras para quais se dirigem as mudanças. Relaciona o “ser” e “dever” em uma narrativa que toma os acontecimentos do passado para tornar inteligível o presente e conferir uma expectativa futura ao tempo presente. A consciência histórica tem a “função prática” de dar à realidade uma dimensão temporal, uma orientação que pode guiar a ação pela mediação da memória histórica.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo compreensivo sobre a música como recurso didático em sala de aula para o ensino da história. Que dever se usar esse novos recursos em nosso meio para facilitar e aproximar do nosso alunado.

Nesse artigo apresentamos uma reflexão sumária sobre o currículo multiculturalista em suas tendências principais: a liberal, a pós-estruturalista e materialista. Com suas perspectivas divergentes do currículo e ensino da história tradicional. Uma leitura da cultura como uma construção histórica através de relações de poder que relativiza tradições milenares da civilização ocidental.

A música no ensino da História é importante para que os alunos construam sua consciência histórica, com uma leitura significativa dos conteúdos históricos e da história da nossa sociedade globalizada.

Portanto, este artigo de revisão bibliográfica é muito pertinente para o debate e diálogo necessários à reintrodução da música no universo escolar, certos de que há um longo caminho a ser percorrido. Com um uso das novas tecnologias na nossa sala de aula que seja coerente, atrativo e convincente. E a proposta é as utilizações dessas novas tecnologias em sala de aula para proporcionar um dialogo utilizando a música e a cultura, a politica, a sociedade em que vivemos, como base para estudo. Para poder envolver esse novo modelo de currículo que é pouco utilizado nas escolas e para um futuro ser feito um levantamento de como é realizado a utilização do novo modelo do currículo e as tecnologias em sala, sabemos que existe hoje uma

“barreira” quando se trata de mudanças no currículo e inserção de novas tecnologias. E para poder melhorar o desempenho do alunado e também da escola.

“A música é feita para ser bela e proporcionar experiências de beleza, e que a beleza existe para dar alegria, a alegria estética, que é uma alegria específica diferente dos prazeres de que habitualmente desfrutamos, e que constitui um dos aspectos da alegria cultural” (Snyders, 1992).

New Languages in History Teaching: music and multicultural curriculum

Abstract

The article aims to analyze the new languages in the history of music teaching specifically based on the new multicultural curriculum, from the assumption that their use in the classroom promotes better student learning. The methodology was a bibliographic review on new technologies, the multicultural curriculum and music in the history of education. In the first part I present a brief history of the multicultural curriculum, in the second part do a discussion around new technologies of teaching and finalize the deal importance of music as a teaching language.

Keywords: History of education, multiculturalism, music.

Referencias

- BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História: fundamentais e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). **Ensinar história**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula)
- GARCIA, Tânia Maria F. **Recriando histórias a partir do olhar das crianças**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

- NIKITUK, Sonia Leite. **Repensando o Ensino de História**: São Paulo, Cortez, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. In: **“Diferença e identidade: currículo multiculturalista”**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.85-90.